

Eixo Capital



ANA MARIA CAMPOS
anacampos.df@dabr.com.br

Oposição de Ibaneis aguarda decisões nacionais para fechar candidatura

Para definir candidaturas de oposição a Ibaneis Rocha, os partidos dependem de decisões nacionais. Com dificuldades para eleger deputados federais, por conta das mudanças nas regras eleitorais — fim das coligações, cláusula de barreira, coeficiente eleitoral — as legendas negociam a formação de federações. São acordos costurados em todo o país para valer pelos próximos quatro anos. É provável que saia uma federação com PT, PSB, PCdoB e PV. Mas há muitas questões a serem debatidas estado por estado. Vai prevalecer neste caso o interesse da campanha de Lula, mas os partidos aliados vão exigir reciprocidade em alguns estados.

Reprodução/PodPah



Deva Garcia/Divulgação



Federação com 4 concorrentes

No DF, os quatro partidos têm pré-candidatos a governador. O PT tem a professora Rosilene Corrêa (foto), diretora do Sinpro. O PSB lançou o ex-secretário de Educação do DF, Rafael Parente. No PCdoB, o nome é João Vicente Goulart, filho do ex-presidente João Goulart, o Jango. O deputado distrital Leandro Grass é o pré-candidato do PV. Como a coluna mostrou, ele não tem espaço para candidatura da Rede, partido pelo qual se elegeu, e aceitou convite para migrar para o PV.

Prioridade

Leandro Grass tem uma vantagem nessa disputa. No PV, ele surge como prioridade da legenda que não tem candidato a governador em nenhuma outra unidade da federação.

PSol e Rede juntos

Também na oposição a Ibaneis Rocha no DF, PSol e Rede devem formar uma federação e apoiar a eleição do ex-presidente Lula. Neste caso, não há candidaturas primeiras. O PSol pensou em lançar Rafael Sebba, que concorreu a deputado distrital e não se elegeu. Outras possibilidades são a ex-deputada Maria José Maninha ou a professora Fátima Sousa, que representou o partido na corrida eleitoral ao Buriti em 2018. Uma parte do PSol também aceitaria apoiar Grass. Mas eles contavam com o distrital na Rede.



O DF é a unidade da federação que, proporcionalmente, mais recicla. Em 2021, foram 15 mil toneladas de lixo recuperadas, segundo o portal da Câmara Legislativa.



Duas crianças receberam vacinas erradas contra a covid-19 no DF. Em meio a uma campanha ideológica contra a imunização infantil essas falhas causam mais temor.

Pedetistas o querem Reguffe de volta

Nessa construção de candidaturas de oposição, ainda há o PDT. O partido tem pré-candidatura própria à Presidência, Ciro Gomes. Um dos caminhos do partido no DF é apoiar a candidatura do senador José Antônio Reguffe (Podemos-DF). Mas há um obstáculo: o partido de Reguffe tem também um representante na disputa, o ex-juiz Sergio Moro. Moro e Reguffe não se juntam. Por isso, pedetistas sonham com a volta de Reguffe à legenda. O senador se elegeu em 2014 com 57,61% dos votos pelo PDT.



Barbara Cabral/Exp. CB/D.A. Press

Quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha?

A candidatura de Sergio Moro à Presidência da República está no seguinte patamar: tem potencial, mas para crescer a ponto de realmente competir com Jair Bolsonaro e Lula depende de apoio político para entrar em novos redutos. E para conquistar aliados com inserção política precisa mostrar que é competitivo.

Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press



Entrega de posto

No último dia como governador em exercício, Paco Britto tirou a manhã de ontem para visitar as Unidades Básicas de Saúde (UBSs) onde houve vacinação para crianças contra a covid-19. O governador Ibaneis Rocha retorna das férias e reassume o cargo neste domingo. Paco disse estar satisfeito com o resultado da campanha de vacinação. "Os pais estão trazendo seus filhos e as crianças estão pedindo para serem vacinadas", disse.



À QUEIMA ROUPA

Rafael Parente

Ex-secretário de Educação, pré-candidato do PSB ao Palácio do Buriti

"Nunca fui candidato e nem havia me imaginado candidato até a saída da Secretaria de Educação. Mas tive a sorte de conviver, crescer e aprender muito sobre política com dois líderes incríveis: Pedro Parente, meu pai, e Sigmaringa Seixas, que era meu tio e padrinho"

O senhor é mesmo pré-candidato ao Palácio do Buriti?

Sim, sou. Venho trabalhando incansavelmente e com muito foco neste projeto desde julho do ano passado. Tenho recebido diversos apoios, não apenas dos segmentos e militância do PSB, mas de setores e lideranças de todo o DF, como profissionais da educação, da cultura, empreendedores sociais, líderes de bairros, grupos de jovens, ativistas, entre outros. Os resultados têm sido bem animadores.

Essa será a sua primeira candidatura. É novato na política. Já vai apostar no Executivo?

É verdade que nunca fui candidato e nem havia me imaginado candidato até a saída da Secretaria de Educação. Mas tive a sorte de conviver, crescer e aprender muito sobre política com dois líderes incríveis: Pedro Parente, meu pai, e Sigmaringa Seixas, que era meu tio e padrinho. A política sempre fez parte da minha vida e das conversas da família desde que nasci, aqui em Brasília. Além disso, passei por dois governos, tenho perfil executivo, paixão por pesquisar, desenhar e implementar políticas públicas baseadas na ciência e na razão e acompanhar a transformação na ponta, na rua, no chão da escola (ou do hospital, delegacia...). Tive sucesso como gestor em governos, na iniciativa privada e no terceiro setor, implementando projetos e políticas de mérito e relevância. Sempre fui workaholic, sabendo que o meu propósito de vida é apoiar a transformação social começando pela educação. Por todos esses motivos, permito-me acreditar que tenho a melhor formação, experiência, perfil e rede de conexões para transformar Brasília no que tenho certeza que ela pode e merece ser.

O PSB estuda fechar uma federação com PT, PCdoB e PV. Todos os partidos têm pré-candidatos ao governo. Como será a escolha do nome que vai representar o grupo?

O PSB escolheu o meu nome como pré-candidato ao governo do Distrito Federal e esta escolha vem sendo reforçada a todo momento pelo presidente Rodrigo Dias e o (ex) governador Rollemberg. Temos conversado com frequência com estes e outros partidos. Acreditamos na criação de uma frente ampla, nos moldes da geringonça portuguesa. Tenho total desprendimento em dizer que a escolha deverá recair sobre o candidato que melhor atender à viabilidade política e eleitoral, com informações de pesquisas quantitativas e qualitativas. Dados sobre o quanto cada pré-candidato é conhecido, rejeitado e percebido pela população são importantes, mas não são definidores quando considerados isoladamente. É importante ressaltar que a escolha do candidato dessa possível frente não estará dissociada da política nacional e essa articulação vem sendo empreendida pelos presidentes dos partidos envolvidos. E o DF está inserido nas negociações.

Se não der certo a candidatura ao governo, há possibilidade de disputar outro cargo?

Não me vejo no Legislativo, não tenho o perfil.

O senhor é um especialista em educação. O que precisa melhorar nesta área no DF?

Sou mestre e PhD em educação, fui subsecretário no Rio de Janeiro, secretário no DF, cofundador e diretor de três empresas (a primeira delas foi o CLIC, em Brasília, quando eu tinha 21 anos



Ana Rayssa/CB/D.A. Press

de idade) e uma organização do terceiro setor. É verdade que tenho formação e experiência em educação e que a área deve ser a prioridade máxima de um possível futuro governo. No entanto, temos conversado com ex-ministros, ex-governadores, ex-secretários, pesquisadores, técnicos, gestores e empreendedores para aprender sobre política, saúde, economia, transporte etc. Estamos mapeando as políticas públicas mais inovadoras de cada área não só no Brasil, mas em todo o mundo. Sobre nossa visão para a educação no DF, o mais importante será melhorar a gestão a partir da composição de uma equipe técnica, competente, séria, que não represente interesses políticos, econômicos, ou de grupos específicos e que atue como time; investir na formação, na carreira e na motivação de todos os profissionais da educação; investir em materiais, metodologias e infraestrutura, não deixando faltar livros, laboratórios, equipamentos ou profissionais nas escolas; investir em inovação e modernização das técnicas pedagógicas, especialmente considerando uma realidade pós-pandemia. Também é importante frisar que, assim como na educação, é possível fazer melhor em outras áreas: acabar com o caos na saúde, melhorar a qualidade sofrível do nosso transporte público, a segurança, a economia, e tudo isso valorizando os técnicos, se preocupando com as pessoas, tendo vontade política, e, acima de tudo, fazendo uma gestão séria e transparente, o oposto do que temos visto atualmente.

Acha que, mesmo com a nova onda de covid, é hora de aulas presenciais?

É certo que a suspensão das aulas durante a pandemia trouxe enormes prejuízos para crianças e jovens, além de transtornos para as famílias. Isto posto, reafirmo minha crença na ciência, nos cientistas e nos pesquisadores sérios, que estudaram muitos anos para ter a responsabilidade de emitir uma opinião acerca de um assunto específico. Diversos pesquisadores do país recomendaram, em nota técnica, que as aulas presenciais em escolas e universidades do Distrito Federal sejam suspensas para evitar a contaminação das nossas crianças e jovens pela nova cepa. Isso até que os pesquisadores confirmem que a reabertura é segura para alunos e profissionais.

O senhor passou apenas sete meses na Secretaria de Educação. Arrepende-se de ter integrado o governo Ibaneis?

Passei praticamente oito meses (saí no final de agosto) e fiquei nove meses trabalhando intensamente pela nossa educação, se considerarmos também o tempo da transição entre governos. Não me arrependo. Foi o cargo mais honroso que ocupei em toda minha vida e, em certos aspectos, uma experiência maravilhosa. Trabalhávamos com tanta intensidade que cada mês parecia dois ou mais. Honrei meus compromissos, não abri mão dos meus valores e tive de sair do governo por conta disso.

"Eu tive sorte do povo brasileiro que me ajudou a provar a farsa que foi montada contra mim em vida. Consegui desmontar o canalha que foi o Moro no julgamento dos meus processos. O Dallagnol, a mentira, as fake news, o PowerPoint da quadrilha. Tudo isso eu consegui provar que quadrilha eram eles!"

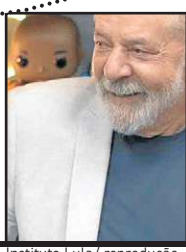
Ex-presidente Lula

"Canalha é quem roubou o povo brasileiro durante anos e quem usou nosso dinheiro pra financiar ditaduras. E quadrilha é o nome do grupo que fez isso, colocado por você, Lula, na Petrobras. Você será derrotado. Só ofende, pois não tem como explicar a corrupção no seu governo"

Ex-juiz Sergio Moro



SÓ PAPOS



Instituto Lula/ reprodução



Podemos/Reprodução